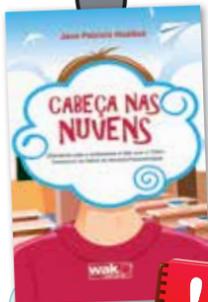
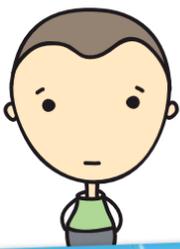


Objetivo:

* Facilitar a compreensão do que é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Faixa etária: professores em geral.



Dica de leitura!

* Cabeça nas Nuvens: orientando Pais e Educadores sobre o Transtorno do Déficit de Atenção

O livro de Jane Patrícia Haddad é a possibilidade de um (re)encontro com nossa (des)atenção diária, diante do aumento considerável de crianças e jovens diagnosticados e nomeados, muitas vezes por pais e professores, como portadores de TDAH. Embora ainda não seja fruto de pesquisa acadêmica, ele é uma experiência de um "sujeito aluna-filha-mãe-educadora" que vem sustentando seu desejo em falar da educação de outro lugar, um lugar de possibilidade, de alguém que se implica no processo de educar, que escuta, que observa e, principalmente, de alguém incompleto, que se mantém em movimento, apesar de suas dificuldades. Com 92 páginas, o exemplar custa R\$ 24,00. Publicado pela Editora Wak, ele pode ser adquirido na loja virtual da própria empresa: www.wakeditora.com.br/loja/product_info.php?products_id=145



Mais comum do que se imagina!

Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – também chamado de TDAH – é um dos distúrbios neurológicos mais comuns na infância

Segundo Jane Patrícia Haddad, nossa entrevistada, a estimativa é de que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade afeta cerca de 5% a 8% da população. No entanto, ela também explica que, hoje, o que vem sendo debatido entre as diversas áreas do saber são as causas do transtorno, entendido até o momento como um distúrbio biopsicossocial. Portanto, não se pode separar a causa genética da psicológica nem do meio em que se vive. Além desses aspectos, Haddad ainda destaca outros detalhes que são bem relevantes para o dia a dia em sala de aula e que todo professor deve conhecer.

Guia Prático para o Professor do Ensino Fundamental I – Em que momento as crianças começam a manifestar o TDAH?

Jane Patrícia Haddad – Os principais sintomas do TDAH têm aparecido na idade escolar, pois conforme as exigências escolares aumentam, as crianças começam a apresentar falta de atenção, recorrentes esquecimentos, dificuldades em se concentrar, em seguir instruções ou combinados e organizar tarefas por prioridades. Elas também iniciam várias atividades

ao mesmo tempo e quase sempre não as finalizam. De acordo com a medicina, tais manifestações que caracterizam o transtorno, situam-se em torno de três sintomas básicos: desatenção, hiperatividade e impulsividade. No entanto, a característica essencial do TDAH é a persistência de desatenção ou da hiperatividade, caso em que sempre brinco que é uma criança ligada na tomada, que fica muito agitada, a ponto de não conseguir parar quieta durante uma única atividade, inclusive nas brincadeiras.

EF – Se os pais não percebem ou não aceitam que a criança tem o transtorno, como a escola pode alertá-los e também orientá-los sobre os cuidados que devem ter com o próprio filho?

Haddad – Em primeiro lugar, a escola deve verificar se não é uma fase natural da criança, já que certa desatenção e agitação é algo natural nessa fase da vida. Por isso, sempre digo que a melhor forma é escutar e observar muito. Penso que esse trabalho deve ocorrer sempre em parceria com a família, pois às vezes o que aquela criança tem é a tão falada falta de limites ou mesmo deseducação. Gosto muito de escutar a família, principalmente no que tange a rotina e costumes dela, pois às vezes a criança é apenas

fruto de um dia a dia conturbado. Em idade escolar, qualquer criança necessita dormir e comer bem, além de lembrarmos que ela depende de adultos que sejam modelos com que possa se identificar. Acredito muito e venho desenvolvendo estudos nessa área de que muitos casos diagnosticados como TDAH, não os são. Existe, hoje, por parte dos pais e professores, um mal-estar frente a um não saber e por isso temos pressa em arrumar um nome para aquilo que não conseguimos entender. Venho acompanhando casos de TDAH em que crianças apenas estão desatentas frente a problemas que elas não sabem como resolver. Exemplo disso são a separação conturbada dos pais, a morte de um ente querido e até mesmo uma inadequação com o professor ou com a escola. Já para classificarmos como transtorno é necessário um exame multidisciplinar que envolva escola, família e profissionais, lembrando que é importante uma interlocução permanente entre todos. O diagnóstico nunca deve ser conclusivo e excludente. Portanto, ele deve servir como ponto de partida para melhorarmos nossas práticas educativas. Não podemos negar que o mundo mudou, estamos no meio de uma transição social com diversos desafios, possibilidades e limitações, e o TDAH é parte disso. Vivemos um momento novo na história da humanidade, da sociedade da informação e globalização. O momento atual, provoca em cada um de nós, um agir e pensar igual em todos os contextos sociais. O que impera na atualidade é a semelhança, o grupo, o aluno quietinho e a padronização. Vivemos em uma sociedade em que quase tudo pode ser transformado em produto, até mesmo a emoção humana. Temos que ser felizes, bonitos, ricos, inteligentes e competentes.

EF – Como incluir, facilitar o aprendizado e ainda impedir que uma criança já diagnosticada com TDAH atrapalhe a rotina de sala de aula?

Haddad – Uma criança com o diagnóstico de TDAH já passa a ser olhada e escutada de forma diferente e sem percebermos, nós adultos, lembramos que falta nela e não o que já conseguiu. A própria criança nos dá a dica de como ela aprende melhor e é nessa interação que devemos nos apoiar, naquilo que a psicanálise chama de transferência. Além disso, o aprendizado se dá na relação entre pais e filhos e entre professores e alunos. Quanto à rotina da sala de aula, ela é que precisa ser readaptada para todos os tipos de alunos. Em pleno século 21, não é mais

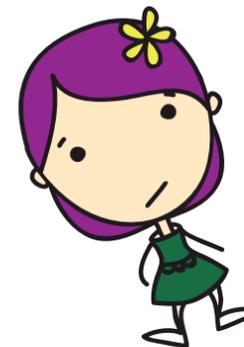
possível mantermos uma sala de aula silenciosa, para passarmos os conteúdos, muitas vezes sem sentido nenhum para a criança. A sala de aula deve ser pensada como um espaço de interações, onde cada um apreende de uma forma. Eu gosto muito de trabalhar com rodas de conversa, na qual combino atividades e, ao término, convido cada aluno a falar o que sentiu, ao contrário de expressar o que aprendeu. Educar para e na diversidade requer começar e recomeçar uma conversa que possibilita um contar e recontar de diversas histórias, inclusive para que aquela criança dita diferente possa se colocar e os colegas ditos normais possam ajudar. É isso que entendo como uma escola que acolhe às diferenças. Educar requer abrir espaço para conversação, na qual a palavra entra em movimento e ressoa em ação. Dessa forma temos conseguido grandes avanços junto a essas crianças.

EF – A senhora poderia dar algumas sugestões práticas para o professor que se vê diante de casos de TDAH no dia a dia?

Haddad – Acolher a todos é nosso ponto principal. O professor não é herói e muito menos coitadinho, ele não precisa amar todos os seus alunos e sim reinventar aquilo que não nos ensinaram nas Universidades: como lidar com um aluno que foge ao padrão normal de aprendizagem. Esse é o ponto central. Como uma criança com TDAH já teve vários prejuízos ao longo de seus primeiros anos, a ideia é fazer com que ela se sinta pertencente àquele grupo. Em Rodas de Conversa, quanto o professor sempre insere alguma história, ao recontá-la, as crianças acabam falando de si mesmas. Outra sugestão é o quadro de sentimentos, que pode ser confeccionado em uma cartolina, com os nomes ou retratos das crianças e cartões com carinhas felizes, tristes ou neutras. Ao chegarem à sala de aula, diariamente, os alunos as colocam ao lado do seu nome e, ao final do dia, na roda de conversa, são convidados a falar sobre o porquê de estarem se sentindo tristes ou felizes. Assim, ensinamos a eles a expressar suas dificuldades e também sobre suas possibilidades, até o momento que poderão falar de suas dificuldades pedagógicas. Crianças com TDAH são muito visuais, então, vale a pena, sempre que possível, expor esquemas e exemplos visuais. Como elas precisam ser lembradas constantemente das obrigações e rotinas, colocar no quadro a atividade que será realizada, o que deverá ser trazido para o dia seguinte, o bilhete que precisa ser assinado também é bastante válido. Mas nunca se deve falar apenas com aquela criança e sim para o grupo. Por último, queria deixar o seguinte lembrete: nós educadores precisamos ver além dos rótulos estabelecidos, pois atrás de cada rótulo, sigla ou transtorno, existe um sujeito querendo ser visto e reconhecido. Conforme dizia Rubem Alves *“há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido”*.

Anote!

O TDAH foi descrito em meados do século 19, sua frequência é igual em todo o mundo e sua prevalência é maior entre os meninos. Embora se manifeste na infância, ele pode perdurar por toda a vida, se não for devidamente reconhecido e tratado. Além disso, os portadores do transtorno estão sujeitos a desenvolver comorbidades, como ansiedade e depressão. Na adolescência, o risco maior está relacionado ao uso abusivo do álcool e de outras drogas.



Sobre a entrevistada

Jane Patrícia Haddad é Pedagoga (pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / PUC-MG) com especialização em Psicopedagogia (pelo Centro Universitário Belo Horizonte / UNI-BH) Possui Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Newton Paiva (BH, MG) e formação em Psicanálise pelo Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.